

APROPUC/SP

UMA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA

ELEIÇÃO PARA REITOR: PUC/SP

O PROCESSO ELEITORAL, SEGUNDO O GRÃO-CHANCELER

No seu número 33, de outubro de 1980, o jornal Porandubas, de circulação interna na PUC, entrevistou D. Paulo Evaristo Arns, Grão-chanceler da Universidade, sobre o processo eleitoral que ocorreu na PUC.

PORANDUBAS — Como o senhor viu o processo eleitoral da PUC?

DOM PAULO — Eu mesmo propus a eleição e fiquei entusiasmado com a participação e a seriedade com que ela se realizou. Também devo dizer com toda simplicidade que me alegrou o resultado da eleição. O povo - e os estudantes são povo - sabe eleger seus representantes e aí manifesta sua grande alegria, além de sensibilidade democrática.

PORANDUBAS — Como foi a repercussão da Sociedade Civil?

D. PAULO — Da parte da Universidade recebi professores, funcionários (ainda não recebi estudantes) que manifestaram sua gratidão e alegria pelas eleições. Quanto à Sociedade Civil, não houve uma voz discordante nem em São Paulo nem de outras partes. Recebi apoio de pessoas ligadas a movimentos políticos, movimentos populares, Universidades e até do exterior. Esse apoio me deixou muito honrado.

PORANDUBAS — Como será o processo de confirmação?

D. PAULO — Da minha parte, já está confirmada a pessoa mais votada. Enviei a documentação a Roma porque trata-se da Pontifícia Universidade. É uma formalidade que deve ser cumprida e pode ser também que Roma queira manifestar-se. Assim, a Reitoria terá o sufrágio popular e também a nomeação de João Paulo II e isso deve agradar muito o povo brasileiro nesse momento.

O anúncio oficial será em novembro, dentro do prazo previsto nos estatutos. Contudo, já comuniquei à mais votada que ela tinha a minha preferência: convoquei-a e disse que se preparasse.

PORANDUBAS — Parece que o senhor andava meio triste com a PUC. . .

D. PAULO — Eu comentei que nesses 10 anos, a eleição foi o momento mais feliz que tive com a PUC. O que me incomodava e incomoda é que os estudantes queiram consumir a PUC e não construí-la. É preciso que eles tomem a PUC na mão e não resolver seus problemas através dela: o consumismo não deve entrar na juventude nem na Universidade. Mas agora eu vi os estudantes construindo juntos, uma organização de baixo para cima que se exprimiu através do voto.

PORANDUBAS — Como o Senhor vê a extensão do processo eleitoral para outros escalões?

D. PAULO — Penso que este é o único modo de agir a partir de agora, claro que dentro dos estatutos possíveis, que limitam um pouco mas que podem abrir perspectivas amplas.

PORANDUBAS — O senhor confirmaria o resultado das eleições independentemente do nome?

D. PAULO — Uma vez que abrimos o jogo, foi para valer. Aliás, nunca me arrependi de abrir o jogo a uma participação popular. É o povo que elabora o programa da Igreja, naturalmente dentro das normas e dos parâmetros do Evangelho e da nossa identidade. Estamos fazendo um processo de escuta do povo, dentro da nossa Arquidiocese: dia 13 de dezembro vai haver a grande votação do programa da Igreja de São Paulo. Haverá cinco delegados de cada setor e os votos serão respeitados como foram. Isto acontecerá sempre que se propõe a uma democracia. Quando o povo é tratado com dignidade responde com uma dignidade ainda maior.

PORANDUBAS — O que o senhor espera da PUC?

D. PAULO — Espero que ela se integre no espírito de Puebla, num serviço de participação e comunhão, realizando a opção pelos jovens e pelos pobres na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. Acho que a PUC vai ter um papel essencial: o do intelectual que caminha para o povo.

Em agosto de 1980 a PUC/S.P. realizou o primeiro processo de eleição direta para Reitor no país, com a participação paritária de professores, funcionários e estudantes.

Extraído de : UMA EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA:
O CASO PUC/SP

CORTEZ EDITORA

1981